

# “A luta de mulheres contra a escravidão: um novo olhar”: um estudo exemplar de Clare Migley [Resenha]

“Anti-slavery and woman: a new picture”: an exemplary study of Clare Migley [Book review]

“La lucha de las mujeres contra la esclavitud: una nueva mirada”: el trabajo ejemplar de Clare Migley [Reseña del libro]

Helmut Renders

## RESUMO

Resenha do livro MIDGLEY, Clare. *Women against slavery: The British Campaigns, 1780–1870*. London / New York: Taylor & Francis e-Library / Routledge, 2005 [1ª ed. 1992]. 271 p. com índice remissivo de 20 p. ISBN: 0-203-64531-6

## ABSTRACT

Book review of MIDGLEY, Clare. *Women against slavery: The British Campaigns, 1780–1870*. London / New York: Taylor & Francis e-Library / Routledge, 2005 [1ª ed. 1992]. 271 p. with index 20 p. ISBN: 0-203-64531-6

## RESUMEN

Reseña del libro MIDGLEY, Clare. *Women against slavery: The British Campaigns, 1780–1870*. London / New York: Taylor & Francis e-Library / Routledge, 2005 [1ª ed. 1992]. 271 p. Con índice remissivo de 20 p. ISBN: 0-203-64531-6

## Introdução

O estudo aqui brevemente apresentado não é novo. No Brasil, porém, ele deve ser conhecido somente entre os ou as especialistas. A obra de Clare Midgley, professora de história na Universidade Sheffield Hallam, Inglaterra, representa uma memória minuciosa da participação de mulheres inglesas e estadunidenses na luta contra a escravidão. Ela traz, de fato, um novo olhar, tanto pela quantidade como pela qualidade e organização das suas fontes e lembra mulheres abolicionistas, das suas organizações e suas campanhas, das suas expressões mais radicais ou conservadoras e circunstâncias específicas do seu engajamento: apesar de que elas lutaram sem direitos políticos estabelecidos.

## Organização

A obra se divide em três partes maiores e nove capítulos:

1 A luta de mulheres e contra a escravidão: desafiando olhares estabelecidos

Iª Parte: Mulheres contra o tráfico de escravos (1783–1815)

### **2. Participantes da primeira hora**

Originadoras (p. 9ss), Apoiadoras (p. 14ss), Radicais e reacionárias (p. 25ss), escritoras imaginativas (p. 29ss), boicotadoras (p. 35);

IIª Parte: Mulheres contra a escravidão colonial do sistema britânico (1823–1838)

### **3. “O cimento do todo edifício antiescravista todo”**

Organizar (p. 43ss), Financiar (p. 51ss), Informar (p. 56ss), Abster-se (p. 60ss), Peticionar (p. 62ss);

### **4. A luta contra a escravidão e o tecido da vida das mulheres**

As organizadoras da classe média (p. 71ss), Participantes da classe trabalhadora (p. 82), A resistência de africanas (p. 85ss);

### **5. Perspectivas, princípios e políticas**

Em defesa do seu próprio sexo (p. 91ss), Abolição imediata e não gradual (p. 101ss);

IIIª Parte: Mulheres e a “abolição universal” (1834–1868)

### **6. Uma irmandade transatlântica**

Abolição universal (p. 119ss), Cooperação e irmandade (p. 125ss), Liderança e independência (p. 130ss), Raça, sexo e classe social (p. 138ss);

### **7. A “questão da mulher”**

O amanhecer de uma consciência amanhecendo (p. 154ss), Controvérsia e debate (p. 157ss), Passos para a igualdade (p. 166ss),

A luta contra a escravidão e o feminismo organizado (p. 171ss);

### **8. A demora de preocupação**

Guerra e polarização (p. 177ss), Liberdade e apoio (p. 184ss), Rebelião e reação (p. 189ss);

### **9. A luta de mulheres contra a escravidão: um novo olhar**

As três partes maiores seguem uma ordem cronológica, os subcapítulos distinguem entre tipos e graus de envolvimento, formas de engajamento, perspectivas de classe, de gênero e a moldura da história maior (luta das mulheres, tempos de guerra). Com isso, estabelece a autora um olhar múltiplo sobre o envolvimento de mulheres nas lutas tanto contra o tráfico inglês de escravos como a escravidão em geral.

## Conteúdos e características

A autora abre a sua obra mostrando como a memória do engajamento das mulheres abolicionistas não aparece onde deveria (p. 1-8) e

desenvolve a sua tese na base de cartas pessoais, jornais e relatórios ou outro tipo de documentos de sociedades femininas contra a escravidão ou o tráfico de escravos. Seu método é historiográfico e contempla fontes primárias de nada menos do que 39 acervos. Ela apresenta o trabalho das sociedades femininas contra a escravidão ou o tráfico de escravos como “movimento extraparlamentar em nível nacional” (p. 197).

O fenômeno das Sociedades Femininas Abolicionistas não é muito desconhecido. Quanto aos estudos wesleyanos, considero particularmente interessante os comentários a respeito de Hannah More (p. 15, 17, 26–29, 30–32, 47, 77, 79, 151, 199), seu suporte para Wilberforce, por mediação de Lady Middleton e seu marido. Apesar de não mencionar a sua amizade com os irmãos Wesley e a sua simpatia pelo metodismo, a autora documenta o envolvimento daquilo que ela chama metodismo wesleyana (p. 53, 64, 66, 82, 188) na causa das abolicionistas, inclusive, como uma das vertentes mais radicais.

Fora das questões específicas trata-se de uma ampla e diferenciada introdução no fenômeno das Sociedades Femininas que, assim nos esperamos, deve estimular pesquisas análogas quanto ao engajamento de mulheres brasileiras em causas com as da educação, saúde, migração e justiça. Afinal.